



Paula Portugal & Rui Proença Garcia (2021). Solidão e eutanásia ou as punições por se ser velho. In Joaquim Pinheiro (coord.), *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares*, vol. II, pp. 95-102.

DOI: 10.34640/universidademadeira2021portugalgarcia

ISBN: 978-989-8805-65-2

Nota de edição: Respeitou-se a norma ortográfica seguida pelos Autores.

© CDA, Universidade da Madeira

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os capítulos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.



Solidão e eutanásia ou as punições por se ser velho

PAULA PORTUGAL¹

RUI PROENÇA GARCIA²

¹Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Saúde

²Universidade do Porto. Faculdade de Desporto

rgarcia@fade.up.pt

enviado a 18/11/2020 e aceite a 06/01/2021

Texto da conferência apresentada no *V Colóquio Olhares sobre o envelhecimento*. Funchal, Universidade da Madeira, 24 e 25 de novembro de 2016. Mantivemos o essencial do texto lido durante a conferência, mas entendemos oportuno inserir alguns textos posteriores ao Colóquio.

Resumo

Os dados demográficos relativos a Portugal – análogos a muitos outros países – têm provocado a discussão sobre o envelhecimento, fenómeno entendido como uma conquista da humanidade. Se a discussão centrada no número existe e é relevante, há outros centros de interesse sobre a velhice que importa refletir profundamente. Hoje há a consciência que um dos grandes problemas da população idosa é o seu isolamento, tanto familiar como na da sociedade em geral, não permitindo a verdadeira vida de relação. Esse isolamento acontece em grau elevado nos grandes centros urbanos – isolamento pessoal – e nas aldeias do interior do nosso país – isolamento social – onde não existem jovens. Muitos velhos estão confinados às suas aldeias, assim como em meios urbanos os idosos se encontram confinados à sua casa, isolados da comunidade por barreiras físicas.

Por outro lado, a discussão sobre a eutanásia está presente no quotidiano, muitas vezes sob o signo da emoção momentânea. É necessário aprofundar o tema, não perdendo de vista a superior dignidade da pessoa humana, independentemente da sua idade ou situação particular.

No seguimento da argumentação aduzida, os autores colocam a hipótese de haver sub-repticiamente na sociedade contemporânea uma punição por se ser velho e/ou doente. Parece que os grandes interessados desta discussão não são as pessoas em risco, mas aquelas em torno do velho/doente, tomando a solidão e a eutanásia como punições. O individualismo sobrepõe-se a tudo e a todos.

Palavras-chaves: Envelhecimento; solidão; silêncio; eutanásia.

Abstract

The demographic data for Portugal - analogous to many other countries - have led to a fierce debate on ageing, a phenomenon perceived as a conquest of humanity. If the discussion centred on the number exists and is relevant, there are other centres of interest about old age that should be deeply reflected upon. Today there is an awareness that one of the great problems of the elderly population is their isolation, both within the family and in society in general, not allowing for true relationship life. This isolation occurs to a high degree in large urban centres - personal isolation - and in the villages of our country's inland - social isolation - where there are no young people. Many old people are confined to their villages, just as in urban settings, they are confined to their homes, isolated from the community by physical barriers.

On the other hand, the discussion about euthanasia is present in everyday life, often under the sign of momentary emotion. Further analysis is needed in this respect, not losing sight of the superior dignity of the human person, regardless of their age or situation.

Following the adduced argument, the authors hypothesize that in contemporary society there is a surreptitious punishment for being old and/or sick. It seems that the main stakeholders in this discussion

are not people at risk, but those around the old / sick, taking loneliness and euthanasia as punishments. Individualism overlaps everything and everyone.

Keywords: Ageing; loneliness; silence; euthanasia.

Ao jeito de introdução: relativismo axiológico

Pouco antes do início do Conclave que o elegeu Papa, o então Cardeal Ratzinger¹ aludiu à ditadura do relativismo axiológico, que nos tem levado para novas intolerâncias como estão a acontecer neste momento um pouco por todo o mundo. Essa ditadura “nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio e as suas vontades”. Resultado deste relativismo é o primado do individualismo em relação a valores de solidariedade humana. São também significativas as palavras de D. Manuel Clemente, à época Bispo do Porto, quando diz que (Clemente, 2008, p. 139) “há estruturas gerais da humanidade que nos permitem ser Humanidade e que se desistirmos de chegar lá estará tudo perdido.”

A solidariedade e o respeito pela vida são, no nosso entender, duas dessas estruturas gerais que erigem a sociedade.

A ascensão do individualismo não se coloca somente na posse de muitos bens, mas também no que respeita ao sentimento da vida e com ela ao da morte. Esta última, a morte, passou definitivamente a ser encarada como um “incidente privado” (Barreto, 2009, p. 48), não apenas no que diz respeito à relativa solidão do desenlace final, que amiúde acontece em hospitais, mas também no que tange à mobilização da vontade pessoal para que tal ocorra. A morte deixa de ser um fenómeno decorrente da nossa própria existência, passando a ser a manifestação de um desejo individual, com dia e hora marcadas, numa estranha determinação do próprio.

Os dias que correm estão marcados por valores juvenis, naturalmente mais de natureza hedonística e individual, em contraponto a outras épocas ou conceções de vida em que o sentimento de pertença à sociedade, religião incluída, era mais forte, mesmo determinante. Hoje em dia, pelo menos no mundo submetido à lógica denominada de pós-moderna,² não se criam laços axiológicos robustos a não ser com dimensões da vida conotados com o ter. O relativismo é filho da pós-modernidade, fruto da subjetividade circunstancial ou episódica, e não o resultado de um pensamento antropológico de cariz humanista.

Velhice, doença, sofrimento e morte³ não fazem parte do ideário juvenil. Juventude eterna, saúde, harmonia e prazer são contrapontos à realidade da vida, tornando os anteriores como os grandes tabus da contemporaneidade, criando-se a ilusão que se não se falar neles esses imperativos da vida não ocorrem. Face à vida atual, estar velho, doente e/ou sofrer são vergonhas que muitos não querem passar nem, muito menos, mostrar. Não são situações prazerosas, antes a antítese do sentimento hedonístico da vida, e quando tais acontecimentos se instalam, então o melhor é ninguém tomar conhecimento. O melhor remédio é desaparecer!

Porém, o individualismo, que pode ser confundido com egoísmo, não se esgota no eu doente, que por vezes não se quer mostrar, projetando-se também nos familiares ou cuidadores, muitas vezes até por razões nobres.

¹Ver Papa Bento XVI (2010, p. 58).

²Começamos a reear esta palavra composta agora que foi reconhecida a expressão *pós-verdade*.

³Antero de Quental, quando jovem, sentia-se *amortal*, não pensando na morte, mesmo quando arriscava a vida. Ver Catroga (1999).

Face a este “condicionalismo” já não basta encerrar o doente numa torre, seja de marfim ou de pedra nua. Esse “castigo” não é ainda suficiente. Para o nosso conforto, para mais na (in)consciência que para lá iremos, o destino final pode ser antecipado com os eufemismos que “ele consentiu”, que “foi desejo dele”, que “sempre manifestou essa vontade” e outros afins. Estes desejos, normalmente assumidos em situações de alguma (muita?) vulnerabilidade, servem para confortar o nosso egoísmo extremo perante o outro. Muitas vezes esses pedidos acontecem para poupar os seus familiares a determinados sacrifícios e não por se querer verdadeiramente morrer. Eutanásia pode ser entendida como um verdadeiro e derradeiro ato de altruísmo de alguém perante a consciência das dificuldades que está a criar à sua família, aos seus cuidadores, pelo que terá de haver muita prudência na sua discussão. Não é uma questão que se resolva com a simples dicotomia “sim” ou “não”. É muito mais do que isso.

A situação do homem no mundo contemporâneo submetido a uma ordem axiológica questionável, entronca naquilo que o Papa Francisco (2016, p. 59) considera ser uma

“cultura do descarte, onde a vida humana já não é sentida como um valor primário a respeitar e salvaguardar, especialmente se é pobre ou deficiente, se ainda não é útil – como o nascituro – ou se deixou de servir – como o idoso”.

A visão que temos sobre a eutanásia também entronca nesta encruzilhada axiológica, onde a vida, a vida humana, é um bem descartável.

Diz o Santo Padre numa outra passagem do livro citado que são atentados à vida deixar morrer pessoas nas embarcações no canal da Sicília, a morte no trabalho, pela fome, o terrorismo, a guerra e a violência, terminando este libelo acusatório afirmando que é também um atentado contra a vida a eutanásia, concluindo que “amar a vida é sempre cuidar do outro, desejar o seu bem, cultivar e respeitar a sua dignidade transcendente” (p. 30).

Parece que a vida, essa misteriosa e admirável qualidade que acontece em cada um de nós no meio de tantos outros seres humanos, é algo de periférico, que pode ser destruído apenas pela vontade individual.

Assim, o nosso propósito é analisar um tema de extrema repercussão na atualidade, a eutanásia no contexto axiológico, e relacioná-lo com o drama da solidão.

Envelhecimento e esperança

Falar de envelhecimento é falar de esperança, esperança de lá chegarmos, esperança para lá continuarmos, e esperança, como nos ensina o Papa Francisco, é um caminho solidário. Antes a velhice era uma dignidade, agora é, para alguns, um enorme peso social. Como o mundo mudou, tornando-se mais egoísta.

Ainda não possuímos o estatuto de velho, mas esperamos poder chegar à idade do júbilo. Não que queiramos mascarar com um extremo romantismo essa idade, contando apenas coisas boas, numa clara conceção paternalista, mas com a consciência que a idade muitas vezes é um marcador social e que impede as pessoas de se realizarem totalmente. Uma coisa é a tomada de consciência das naturais dificuldades que advém do passar dos anos, outra é querer fazer ver que tudo corre às mil e uma maravilhas na nossa vida de relação. Não, nem sempre as coisas se passam assim tão romanticamente no universo da velhice, mas esta idade é uma consequência de uma longa vida já vivida e que se continua a querer viver.

A velhice não pode ser encarada como um estigma nem, ao invés, apenas como uma maravilha. É maravilhoso que se viva tanto tempo, mas nem sempre é maravilhoso viver-se a vida que se tem. Não podemos continuar a olhar para o envelhecimento como o lado sombrio da vida, a sua miséria ou como uma cidadania recusada.

No quotidiano há tabus que são para respeitar, mas que ao longo do tempo podem ser quebrados. O corpo nu e o sexo são tabus que em muitas partes do mundo tendem a atenuar-se, enquanto outros aparecem no nosso horizonte, tais como a velhice, a doença e a morte.

Viver muito tempo tem a vantagem de permitir que se conheça a vida em toda a sua extensão, mas a desvantagem de se ter de viver numa sociedade orientada para os jovens.

Há um ano,⁴ apenas de forma superficial, aludimos ao idoso no limiar do exílio da condição humana. Ser humano implica ser com os outros. Ninguém se completa humanamente sem um relacionamento com o outro.

Como sabemos, nem sempre a geografia urbana permite a aproximação do velho com outras pessoas. São escadas, é a falta de transporte, são ruas inapropriadas para algumas condições normais da velhice, é a barreira da própria pessoa nomeadamente à vergonha de ser vista como se é, enfim, é uma miríade de condições intrínsecas e extrínsecas que fazem com que a solidão se instale.

Recentemente, no âmbito da iniciativa Porto – Cidade Amiga do Idoso, e posteriormente alargada à cidade de Póvoa do Varzim, ouvimos alguém afirmar que numa cadeia, os presos continuam a ter direitos. Têm direito à saúde, eventualmente à educação e ao trabalho, continuam em muitos casos a terem o direito de votar, a visitas conjugais, mas há um direito imediatamente retirado, o da mobilidade. Seja na prisão, em casa com uma pulseira eletrónica ou com um agente da polícia à porta, seja com apresentações constantes num posto policial, ser prisioneiro significa, acima de tudo, a perda do direito de se movimentar.

De igual modo, muitos idosos são autênticos prisioneiros nas suas vidas honestas e trabalhadoras. Muitos velhos são prisioneiros de uma condição corporal e social que os estigmatizam. Muitas pessoas com idades mais ou menos avançadas são prisioneiras sem estarem em cadeias, sem terem pulseiras eletrónicas ou polícia à porta. São prisioneiros de uma condição de que não são responsáveis e para a qual apenas contribuíram com as suas vidas vividas longamente. Parece que ser velho é um crime nesta sociedade demasiadamente centrada em valores juvenis. Não é prioritário para quem decide. E, mesmo quando a preocupação ou a vontade estão presentes, a escolha não é para a autonomia, para a liberdade, mas sim para o assistencialismo. Sem ser perguntado ao velho, qual o caminho que deseja, qual a vida que quer viver.

Tudo leva a entender que ser velho é um crime que é punido com cadeia. Mais ainda, na solitária, para onde se enviam os presos mais malcomportados.

Mas, o código civil da humanidade, que por vezes está carente de humanismo, vai ainda mais longe e quer prever mesmo a pena de morte para o velho, já prisioneiro na solidão. Quer a eutanásia!

⁴Referimo-nos à intervenção intitulada “Envelhecer com dignidade num país inventado”, apresentada no IV Colóquio Olhares sobre o envelhecimento, realizado nos dias 26 e 27 de novembro de 2015 na Universidade da Madeira.

Eutanásia⁵

Podemos perguntar retoricamente quem tem discutido profundamente esta questão. Provavelmente não são os velhos, os doentes, os acamados, mas pessoas que se julgam com capacidade e legitimadas para falarem em nome destes seres vulneráveis. Sim, vulneráveis porque sentem-se fragilizados perante uma discussão que lhes diz respeito, mas onde não têm voz ativa. Sim, vulneráveis porque se sentem desprotegidas diante de importantíssimas deliberações que são tomadas por outros. Continuadamente, são o foco da decisão, sem serem a voz da mesma.

Daí esta pergunta, totalmente retórica, que pode ser colocada a todos os que se interessam pelo envelhecimento: o que pensará um velho doente quando diariamente ouve falar de eutanásia?

Quando há algum tempo a discussão sobre a eutanásia atingia o seu auge na comunicação social, na política, nas universidades e em outros fóruns da nossa sociedade, morreu o pai de uma pessoa nossa amiga. Estava acamado há muito tempo e a mensagem de agradecimento pelos pêsames enviados foi fantástica. Agradecia Deus – a pessoa é crente – por ter permitido a companhia de seu pai durante tanto tempo. Não se lamentava da doença que imobilizara o pai, dos trabalhos que teve, mas da dádiva que é a vida humana, toda a vida e em qualquer circunstância. Estar doente é uma condição humana!

O argumento do princípio ou do direito à autonomia e à autodeterminação da pessoa, tantas vezes invocado por quem defende a legitimidade eutanásia, pode não ser o mais válido, dado que limita esse direito, o da autonomia, apenas a algumas pessoas e em determinado estado. Cada um pode em nome do princípio da autonomia e da autodeterminação, também reivindicar o direito a morrer pelas mãos de outra pessoa se se sentir que é incapaz de se suicidar. Custa aceitar a limitação ou condicionar este princípio, sendo mesmo uma contradição insanável fazê-lo.

Obviamente que compreendemos a discussão em torno da eutanásia. Compreendemo-la e aceitamo-la, mas isso não faz com que não possamos discuti-la num plano para além do individualismo, passe a redundância, individual. Será que o principal interessado na eutanásia é o doente ou quem o acompanha? Não podemos dar uma resposta segura porque nunca estivemos envolvidos em casos semelhantes. Nunca estivemos sujeitos à pressão da doença, da debilidade humana ou ao constrangimento da deterioração e da finitude do ser. Nem do que o velho percebe que é para o outro, para a sua família aquando dessa condição de vida. Perante estes fenómenos normais da vida humana, podem criar-se desordens na segurança ontológica de cada um ao sermos confrontados com a imagem do outro, que não apreciamos, e com a tomada de consciência que amanhã o outro *serei eu, seremos nós, cada um de nós*. Então não será o *outro* abstrato, mas o *eu* real o sujeito do fim. O eventual horror perante o outro nada mais é do que uma antecipação, por vezes em negação, da possibilidade do horror de mim próprio no

⁵Muito sucintamente, definimos eutanásia como *a morte de uma pessoa, provocada por outra, a pedido da que é morta* (Osswald, 2016, p. 7) e sob condições muito especiais. Distanásia pode ser entendida como uma má morte, fruto de uma obstinação ou encarniçamento terapêutico (Barbas, 2009, p. 92), que pode provocar desespero, agitação, sofrimento revolta e dor (Osswald, idem, p. 20). Ortotanásia significa a morte natural sem prolongamento da agonia por parte de um tratamento inútil, supérfluo, desproporcionado (Barbas, idem, p. 92). A frase atribuída pela Rádio Vaticano a São João Paulo II *Deixem-me ir para a Casa do Senhor* configura uma morte digna, uma ortotanásia (http://www.radiovaticana.va/portuguese/brasarchi/2005/RV38_2005/05_38_69.htm). Atualmente, com os meios que a medicina dispõe, é possível manter um doente na sua fase terminal de vida com o devido conforto, evitando o sofrimento, sem prolongar uma agonia desprovida de sentido.

futuro. Não será a eutanásia, discutida por quem não pertence ao contingente social em vista, a manifestação de um horror futuro?

Respeitamos profundamente aquelas pessoas que perante estes cenários defendem a eutanásia. O que não podemos aceitar é que se transforme uma questão do âmbito da dignidade do ser humano num campo de batalha ideológico ou político-partidário. Esta questão não é da direita ou da esquerda. É da vida humana e por tal merecedora de uma outra geometria que não esta da esquerda ou da direita. É uma questão de cima, de pessoas que pensam do alto, independentemente das suas opções pró ou contra a eutanásia.

Eutanásia não é a solução para um problema. É a aniquilação da vida, e disso deveremos estar cientes aquando da justa análise à eutanásia. A morte intencionalmente provocada não resolve o problema, antes anula pura e simplesmente a equação.

Sabemos que na nossa sociedade, que preconiza a harmonia e a perfeição, é duro viver com as nossas vulnerabilidades e com as dos outros, mas ao mesmo tempo é algo desafiante. O velho, doente ou não, constitui-se numa tremenda conquista da humanidade e não num problema. Saibamos viver com esta nova e fantástica realidade.

No comum do tempo, não temos noção de que temos coração, mas se nos concentramos nesse órgão, ouvindo-o ou sentindo-o, vemos que ele está dentro do nosso peito, batendo, qual relógio, ao longo de toda a nossa existência.

Também só quando nos concentramos em nós próprios é que percebemos que somos vida, uma exceção da natureza. Nesta, a não vida é que é normal, e a vida uma exceção. Por isso, falar por vezes levemente de morte, eutanásia ou de qualquer processo terminal da vida, é não ter consciência do extraordinário legado que nos foi deixado pelos pais, pelos avós, pela humanidade. Olhar para uma pessoa apenas através das suas limitações, que até justificam a eutanásia, é o mesmo que olhar para o Mosteiro da Batalha e só ver pedras empilhadas. É não perceber a essência da vida humana e o significado da sua existência.

Comprendemos a eutanásia como em tempos se compreendeu a eugenia. O prefixo “eu” remete-nos para a ideia de boa ou de bom: boa morte e bom nascimento.⁶ O pior é se num qualquer amanhã alguém se lembrar de retomar a ideia de eugenia de forma mais radical e resolver eliminar todos aqueles que não se encontram em linha com o disposto em determinado artigo da lei da vida. Até nem seríamos originais se assim procedêssemos. Por exemplo, o nazismo fê-lo.

Começaram por eliminar os doentes mentais, atribuindo o pomposo nome de eutanásia a esse processo. Seguiram-se os velhos doentes. De imediato a “eutanásia” chegou às Pessoas com deficiência⁷ e logo o seguir aos restantes velhos e outras pessoas doentes (Aziz, 2019). A ideia inicial consistia em “destruir vidas sem valor e de supressão dos improdutivos” (p. 58). Depois, bem, depois foi o Holocausto.

Nos últimos tempos, talvez um século, o ser humano perdeu referências universais. Parece que não existem valores universais, valores que valham para todos, independentemente de

⁶Temos ainda o conceito de eudemonismo (do grego *eudaimonismós*), que significa felicidade.

⁷Escrever “Pessoas” com um P maiúsculo é intencional, tal como é intencional grafar “deficiência” com d minúsculo. Assim, enfatizamos o ser-se Pessoa dando menos relevo à condição de deficiência. Por outro lado, ao escrever “Pessoa com deficiência” salientamos que essa Pessoa tem uma deficiência, mas não é uma Pessoa deficiente. Tem, mas não é. Ser e ter são condições humanas diferentes. Finalmente, não se utiliza a palavra indivíduo porque é humanamente fraca. Uma ovelha num rebanho constitui-se como um indivíduo. Ora, ser-se Pessoa é qualitativamente mais do que se ser um indivíduo.

condições particulares. Na nossa visão, a vida é um valor acima de todos os outros, pelo que qualquer mecanismo legal ou instrumental para a destruir deverá ser repudiado.

Sabemos que agora a moda é defender com unhas e dentes temas fraturantes, como é costume ouvir-se na esfera política. Sabemos que a moda é transformar a exceção na regra, e na salutar tentativa de não discriminar as minorias, chegamos ao paroxismo de discriminar as maiorias. Sabemos que agora defender temas como o aborto, a eutanásia ou a legalização de determinadas drogas é sinónimo de termos mentalidades avançadas e inscritas no século XXI. Porém, estes temas, fraturantes, não convocam para a discussão o valor da vida, mas tão somente o tema da morte, da destruição, do grego *thanatos*. Será que a defesa da vida não deverá estar na ordem do dia, ou será que qualquer dia a vida vai ser discriminada? É o que parece que está a acontecer e, infelizmente, também não somos originais nesta visão discriminatória sobre a vida.

É com veemência que o Papa Francisco denuncia a cultura do descarte das nossas sociedades. Diz o Santo Padre:

“que a vida humana, a pessoa já não é sentida como um valor primário a respeitar e salvar, especialmente se é pobre ou deficiente, se ainda não é útil – como o nascituro – ou se deixou de servir – como o idoso” (Papa Francisco, 2016, p. 59).

Parece que a vida, essa misteriosa e admirável qualidade que acontece em cada um de nós no meio de tantos outros seres humanos, é algo periférico, que pode ser destruída apenas pela vontade individual, como se a sua origem fosse individual e voluntária.

Finalmente, interessa diferenciar rapidamente a ideia de silêncio da ideia de solidão.

Muitas pessoas gostam muito de passear pela Ilha da Madeira, contemplando em silêncio vales e montanhas, levadas e veredas, o pacífico ou revoltoso oceano e as abruptas serranias, escutando o som do vento, da água corrente, e a canção dos bis-bis. Isto é silêncio, mas não é solidão. Não estamos sós nesse silêncio. Estamos ou iremos estar acompanhados. O silêncio do velho é diferente porque não tem a esperança de uma companhia, não se sendo importante para ninguém. É um silêncio na solidão do ser, que antecipa o silêncio eterno.

Não antecipemos esse silêncio!

Em jeito de conclusão: eutanásia, distanásia, ortotanásia e outras

É difícil extrair conclusões telegráficas neste tipo de reflexão. A relação entre vida e morte é complexa de mais para ficar confinada a breves conclusões.

A bibliografia especializada situa claramente cada um dos primeiros três conceitos que titulam este ponto do artigo, não sendo por tal necessária aprofundá-los neste texto para além da breve nota de rodapé já apresentada.

É muito frequente confundir-se estes três conceitos, sendo comum pensar-se em eutanásia quando se deveria referir ortotanásia. Vejamos o que nos diz São João Paulo II, na Sua Carta aos Anciãos:

“A este respeito, ocorre lembrar que a lei moral permite renunciar ao «excesso terapêutico», solicitando apenas aqueles cuidados que fazem parte das normais exigências da assistência médica. Outra coisa, porém, é a eutanásia entendida como a provocação direta da morte!” (São João Paulo II, 1999, p. 18)

Porém, no título colocámos a palavra *outras*, o que sugere que há algo mais para lá destes conceitos instituídos pelo conhecimento científico e/ou filosófico. Há aquilo que o Papa Francisco denominou de *eutanásia mascarada*, ou seja, o abandono dos velhos (AFP/ Lusa, 2014).

Sabemos que a problemática da eutanásia e afins não se reduz ao velho. O Parlamento belga, em fevereiro de 2014, legalizou a eutanásia infantil (Costa, 2014), e é um tema muito presente em pessoas doentes independentemente da idade que têm. Todavia, neste texto centrámos a reflexão mais no idoso, embora plenamente conscientes de que o assunto não se esgota neste contingente social.

Temos esperança que um dia, no nosso país, possamos saber que não mais será necessário falar de eutanásia porque os cuidados continuados e paliativos são uma realidade universal.

Até lá, infelizmente, a eutanásia é uma hipótese em aberto!

Bibliografia

- AFP/Lusa (2014, 28 setembro). Abandono de idosos é "eutanásia disfarçada", *Diário de Notícias*.
<https://www.dn.pt/globo/abandono-de-idosos-e-eutanasia-disfarçada-4149497.html>
- Aziz, P. (2019). *Os médicos da morte*. Edições Desassossego.
- Barbas, S. (2009). Morte e Dignidade Humana numa Perspectiva Jurídica. In R. Nunes, G. Rego & I. Duarte. (Coord.). *Eutanásia e outras questões éticas no fim da vida*. Gráfica de Coimbra.
- Barreto, J. (2009). A morte nas sociedades contemporâneas. In R. Nunes, G. Rego & I. Duarte. (Coord.). *Eutanásia e outras questões éticas no fim da vida*. Gráfica de Coimbra.
- Catroga, F. (1999). O sentido da morte em Antero de Quental. In J. A. Pinto Correia (Coord.), *O Homem e o tempo. Liber amicorum para Miguel Baptista Pereira* (pp. 219-265). Fundação Eng. António de Almeida.
- Clemente, M. (2008). *Portugal e os Portugueses*. Assírio & Alvim.
- Costa, A. (2014, fevereiro 14). Bélgica torna-se o primeiro país com eutanásia para crianças. *Expresso*.
<https://expresso.pt/internacional/belgica-torna-se-o-primeiro-pais-com-eutanasia-para-criancas=f855968>.
- "Deixem-me ir para a casa do senhor": As últimas palavras de JP II (2005, setembro 19). *Rádio Vaticano: A voz do Papa e da Igreja em Diálogo com o mundo*.
http://www.radiovaticana.va/portuguese/brasarchi/2005/RV38_2005/05_38_69.htm.
- Osswald, W. (2016). *Morte a pedido*. Universidade Católica Portuguesa Editora.
- Papa Bento XVI (2010). *Luz do Mundo* (p. 58). Lucerna.
- São João Paulo II (1999). *Carta do Papa João Paulo II aos Anciãos*. Instituto Missionário Filhas de São Paulo.
- Papa Francisco (2016). *Proteger a criação. Reflexões sobre o estado do mundo*. Nascente.